

**VIII ENANCIB – Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação  
28 a 31 de outubro de 2007 • Salvador • Bahia • Brasil**

GT 3 – Mediação, Circulação e Uso da Informação  
Comunicação oral

**Ordem informacional dialógica:  
mediação como apropriação da informação**

Ivete Pieruccini (ivetepie@yahoo.com.br )

**Resumo:** Este trabalho trata da ordem informacional dialógica, conceito definido a partir de pesquisa que teve como objetivo o estudo da busca de informação em dispositivos informacionais em contextos escolares. São apresentados o quadro da problemática informacional contemporânea e suas implicações para a *busca significativa* de informações por crianças e jovens e o papel essencial dos dispositivos informacionais dialógicos como instâncias de mediação cultural essenciais na contemporaneidade. Inclui uma síntese das categorias da ordem informacional dialógica, sistematizadas a partir da criação e desenvolvimento de um dispositivo informacional –biblioteca escolar-, no município de São Bernardo do Campo/SP, objeto que forneceu as bases empíricas para o presente estudo.

**Palavras-chave:** Mediação. Ordem informacional dialógica. Dispositivos informacionais. Infoeducação. Biblioteca escolar.

**Abstract:** This work discusses the dialogical informational order, concept defined from the research intending a study about the search for information in education. It presents the contemporary informational framework and its implications on the significating search for children and young people such as the essential role of the dialogical information devices as cultural mediation environment nowadays. Includes a synthesis of the categories of the dialogical information devices systematized from the implantation and accompaniment of an information device – a school library-, in the city of São Bernardo do Campo/ SP that gave the empirical elements of this study.

**Keywords:** *Mediation. Dialogical information order. Information devices. Infoeducation. School library.*

## 1 Introdução

O presente trabalho sintetiza resultados de pesquisa, tratando das relações entre busca informacional e dispositivos de mediação de informação em contextos educacionais, tendo em vista discutir conceitos e concepções aí implicados, no sentido de tornar tal busca *significativa*, condição indispensável aos processos de apropriação de conhecimento e de participação na cultura.

Em nossas bibliotecas e escolas, a busca de informação é deixada, quase sempre, a cargo de um público que não foi ensinado a pesquisar, nem na escola, nem na biblioteca, nem em casa. Tudo se passa como se a construção do conhecimento acontecesse natural e espontaneamente, sem implicar aprendizagens complexas e múltiplas para que se realize.

Face a tal quadro problemático, que exclui imensas parcelas da população dos circuitos do conhecimento, passamos a investir em nova direção, ancorando-nos em compreensões divergentes, de natureza histórico-cultural, segundo a qual o acesso ao conhecimento é um percurso intenso e extenso, implicando saberes, competências e atitudes socialmente constituídas, exigindo sólidos esforços de diferentes ordens, sobretudo, trabalho e aprendizagens constantes e permanentes, fato que significa dizer que a apropriação da informação não é por nós compreendida como um ato imediato, mecânico ou “natural”. É, antes, um ato produtivo, envolvendo a mobilização de diferentes capacidades em movimentos de construção de sentidos.

Posições, portanto, que se contentam em simplesmente disponibilizar informações, sem se preocupar com o destino das mesmas junto aos diferentes segmentos socioculturais, não se sustentam face à compreensão dos processos de significação como fenômenos complexos, demandando ações que ultrapassam o a simples transferência de signos e sinais. De fato, sem estruturas socioculturais que lhes dê apoio, sem instrumentos necessários à atribuição de sentidos às informações, os sujeitos sociais perdem-se nas tramas do conhecimento, sem condições de apropriar-se nem da memória, nem dos saberes de seu tempo, permanecendo incapacitados, portanto, para inventar e projetar o futuro.

Nesta perspectiva, dada a gravidade da situação em que nos encontramos no país, passamos a nos interessar pela problemática da busca de informação como processo complexo de atribuição de sentidos e de significação, considerando-a especialmente nos quadros contemporâneos, marcados pela emergência das chamadas *Sociedades da Informação*. A partir, portanto, da implantação e acompanhamento de um dispositivo informacional -uma biblioteca escolar, para crianças de educação infantil e ensino fundamental, na cidade de São Bernardo do Campo, em São Paulo, realizamos tal pesquisa, tendo em vista contribuir para a alteração das condições que atingem largos setores de nossa população, atingindo irremissivelmente seus processos de formação.

Nossa pesquisa situa-se na intersecção dos campos das Ciências da Informação e da Educação, e que vem sendo sistematizada por equipe de pesquisadores de que fazemos parte, nomeada *Infoeducação*<sup>1</sup> Como outros trabalhos inscritos nessa direção, veio contribuir para a a reflexão e a sistematização de dados que pretendem demonstrar e enfatizar a necessidade de criação de programas voltados à construção de saberes que implicam *aprendizagens informacionais* definidas e localizadas, ligados, por sua vez, à reordenação dos *dispositivos* de informação em Educação, instâncias essenciais aos processos de mediação e apropriação da informação nos quadros informacionais da contemporaneidade.

## 2. Busca de informação e construção de conhecimento: questões contemporâneas

De acordo com o Dicionário Básico da Língua Portuguesa, *busca* significa “*procura com um fim de encontrar alguma coisa; investigação cuidadosa; pesquisa; movimento*

*íntimo para alcançar um fim*”<sup>iii</sup>. Trata-se de palavra que implica ação externa e interna de movimento em direção a algo necessário ou desejado por alguém, com a finalidade de responder a uma necessidade pessoal de satisfação. O termo *busca* possui, assim, tanto uma dimensão física quanto simbólica e encontra seu correspondente no termo *apropriação*, entendido como processo “*pelo qual nos apoderamos, para dele fazer nossa propriedade individual, do que não pertence a ninguém ou a toda gente*”<sup>iii</sup>, ou seja, de transformação do que é comum (a memória, o conhecimento) em algo que seja próprio e único, constituído no jogo entre o particular e o universal, o subjetivo e o objetivo.

*Buscar* informação, nessa perspectiva, todavia, não é gesto simples, mera habilidade ou *competência*<sup>iv</sup>. Se, de um lado, implica capacidade operatória complexa contemplando, na prática, procedimentos de identificação do tema e formulação de uma pergunta que envolve compreensões sobre a etimologia dos termos da busca, as questões neles implicadas, bem como os contextos do problema, definidos sob o enfoque do interesse do pesquisador, aliada à capacidade de lidar com as fontes, localizar as informações pertinentes, selecioná-las e reelaborá-las objetivando a produção/criação de novas informações (aspectos estes amplamente difundidos em programas com foco na chamada *educação para a informação* e seus correlatos<sup>v</sup>), implica, de outro, uma outra dimensão da participação do sujeito no processo (citando Burke<sup>vi</sup>), de transformação do que é “relativamente ‘cru’ naquilo que foi ‘cozido’, processado ou sistematizado pelo pensamento”. Assim, o conhecimento, finalidade última da *busca*, resulta da capacidade de realizar atos, tais como perceber, lembrar, imaginar, falar, refletir e pensar a partir de conteúdos concretos e, ao mesmo tempo, **estabelecendo vinculações de sentido entre estes e a realidade, ou seja, mantendo relações indissociáveis e permanentes entre conhecer e agir**, operações nada fáceis, porém imprescindíveis, sobretudo na contemporaneidade. Conforme alerta Hannah Arendt: “o fio da tradição está rompido, e temos de descobrir o passado por nós mesmos – isto é, ler seus autores como se ninguém os houvesse jamais lido antes”<sup>vii</sup>. Nesta perspectiva, a busca e a pesquisa transformam-se em instrumentos indispensáveis que se desenvolvem no sentido de recompor o quadro de relação com a memória social, uma vez que os circuitos de transmissão alteraram-se e não há como reestabelecer os nexos, as interações, o diálogo com o patrimônio acumulado, senão pela procura de significados, juntando informações e conhecimentos na tentativa de compreender e dar sentido à existência.

A *busca*, nesta dimensão, extrapola, portanto, os limites e etapas da pesquisa documentária ou informacional que se segue à formulação do questionamento pelo pesquisador. Ainda que os programas que tratam da *educação para a informação*<sup>viii</sup> enfatizem, de um lado, a necessidade do aprendizado ativo e autônomo, com destaque sobre o pensamento crítico, o aprender a aprender e o aprendizado permanente e, de outro, a importância do processo de pesquisa/busca/investigação, cruzando orientações de cunho prático, sobre procedimentos e técnicas de trabalho pedagógico com a informação (nos quais a *competência* é uma das categorias centrais implicadas) tal enfoque, todavia, considerando-se o quadro brasileiro, mostra-se insuficiente. Aqui, conforme exposto na introdução deste trabalho, é evidente a necessidade de desenvolvimento de alternativas a modelos de pesquisa, que, em nosso estudo, está representada pela concepção de *busca significativa*.

Tal concepção apóia-se nos preceitos do cognitivismo histórico-cultural de J. Bruner<sup>ix</sup> que, tomando como referência o socio-interacionismo de Vigotsky, distingue a visão *computacional* da aprendizagem, “capaz de lidar com significados apenas no sentido do dicionário”<sup>x</sup>, da visão histórico-cultural, segundo a qual os processos mentais e culturais estão mutuamente implicados e só existem em permanente negociação no palco social. A ressignificação do conceito de busca de informação, nos termos considerados pelo cognitivismo cultural de Bruner<sup>xi</sup> - ou seja, ato e matéria cognitivos que mobilizam diferentes faculdades e dimensões do sujeito e da sociedade - passa, ao que parece, pela articulação em

questão, já que *buscar*, conforme defendemos, não é simplesmente ato de localização e processamento de matéria cuja dimensão simbólica e destinos são indiferentes aos sujeitos e aos contextos de que participam. É, antes, movimento duplo e dinâmico de construção de identidade e de criação de significados para o mundo.

## 2.1 Dispositivos informacionais, mediação e busca significativa

O novo e inusitado quadro planetário de produção, circulação e recepção da informação, definido como “sociedade da informação” ou “do conhecimento”, “era da informação” (Castells)<sup>xii</sup>, “cibercultura” (Lévy)<sup>xiii</sup>, ou, ainda, “cibermundo” (Virilio)<sup>xiv</sup>, recoloca questões de todas as ordens, envolvendo o conhecimento e a cultura. Face à presença maciça das tecnologias da informação, das organizações que veiculam e distribuem em escala planetária e em tempo real informações de todos os tipos e naturezas, em quantidades avassaladoras, a nova “era” muda radicalmente representações de mundo, de tempo, de espaço, as sociabilidades, modos de produzir, distribuir, receber e participar da cultura, que interferem nas formas tradicionais de apropriação do conhecimento e de construção de sentidos, obrigando-nos a repensar os processos aí implicados.

Nesta perspectiva, a mediação da informação, na contemporaneidade, passa por processos tão revolucionários quanto aqueles originados pelo advento das “antigas” tecnologias de registro e circulação, não apenas com intensidade certamente mais contundente, em razão da natureza e da abrangência que as tecnologias eletrônicas permitiram, (sobretudo depois da Segunda Guerra), mas também face às estruturas e circuitos pelos quais a informação passa a ser organizada e mediada. O novo quadro de desenvolvimento de tecnologias, portanto, não significa tão somente a concorrência de meios atualizados de transporte de informação à distância. Trata-se do estabelecimento de uma nova ordem histórica mundial, de concepções, modos e recursos de configuração da sociedade e da informação, transformada em produto no mercado internacional, ou em armas ideológicas dos Estados. *Mediatizada* por meio das novas técnicas e tecnologias eletrônicas de registro, circulação e recepção, a informação ganhou territórios antes inalcançáveis, lançando mão dessas instâncias de mediação que modificam extraordinariamente a relação entre sujeitos, conhecimento e memória social.

Por isso, Peraya<sup>xv</sup> prefere falar hoje em *mediatização* (da informação), já que estão em pauta novas propriedades de regulação da produção, organização, circulação e distribuição da informação: os *dispositivos*, cuja configuração atua na natureza e nos processos da mediação. Atualmente, a informação não é só uma realidade autônoma: ela é técnica e tecnologia. Os destinos das significações situam-se, assim, no âmbito das relações entre sujeitos e artefatos, ou sejam, suportes materiais erigidos em objetos portadores-produtores de sentidos que, no quadro geral da construção das significações, alteram nossas relações com o conhecimento, a cultura e conosco mesmo.

Face a isso, o conceito de *dispositivo* é nuclear para a problemática em causa, uma vez que ele lança luzes sobre a noção de mediação da informação e às condições que afetam os procedimentos de busca de informação.

O conceito de *dispositivo* foi prioritariamente desenvolvido por Foucault<sup>xvi</sup> para o campo das Ciências Sociais, implicando noção de intencionalidade. Abarcando uma noção proveniente, em sua origem, do campo técnico *dispositivo*, foi entendido como “*conjunto de peças que constituem um mecanismo, um aparelho qualquer*”<sup>xvii</sup>. Posteriormente, o conceito foi ampliado para a noção de toda ação, de elementos humanos ou materiais, realizada em função de um objetivo a ser atendido. Deste modo, um *dispositivo* é uma instância, um local social de interação e de cooperação com suas intenções, seu funcionamento material e

simbólico, enfim, seus modos de interação próprios<sup>xviii</sup>. Tal perspectiva introduz uma visão simbólica à concepção de *dispositivo*, que passa a ser considerado em duas dimensões - material e simbólica - da *mediação* e, se aplicado ao campo da informação e do conhecimento, permite constatar que o indivíduo não é mais compreendido como o centro exclusivo dos processos de significação do mundo, passando a partilhá-los com os objetos, os artefatos, as ferramentas, e os não-humanos em geral, constituindo-se, ao mesmo tempo, instância de comunicação e de formação *mediatizada*<sup>xix</sup>.

Os *dispositivos* articulam três níveis de interação: a semiótica, a social e a técnica. O chamado *dispositivo* técnico-semio-pragmático (TSP) pode ser definido como o conjunto de interações entre esses três universos, realizadas a partir de uma tecnologia de informação, de um sistema de representação ou, ainda, de uma *mídia* pedagógica ou não. Se, de modo abrangente, entende-se o conceito de *dispositivo* de informação enquanto todo e qualquer mecanismo (técnico e simbólico) capaz de promover a relação, organizar a realidade e fornecer um instrumento para o pensamento (um texto, uma mensagem fotográfica, cinematográfica, um ambiente, uma prática), é possível caracterizá-lo como um quadro semiótico que produz significados, no interior do qual o sujeito opera.

Tais considerações, permitem afirmar que o *dispositivo* é, portanto, signo, mecanismo de intervenção sobre o real, que atua por meio de formas de organização estruturada, utilizando-se de recursos materiais, tecnológicos, simbólicos e relacionais, que atingem os comportamentos e condutas afetivas, cognitivas e comunicativas dos indivíduos. Dessa forma, os efeitos dos *dispositivos*, ou seja, dos meios dirigidos, ultrapassam os limites técnicos visíveis para tornarem-se, em nossa sociedade, instrumento da relação conosco, com os outros e com o mundo. Nesta perspectiva, os comportamentos culturais contemporâneos (como visitar museus, navegar na *internet*, ir à biblioteca) são formas de atuação *com* e *nos* *dispositivos*, orientadas por regras e leis próprias dos meios em que se encontrem.

Desse modo, *dispositivos* de transmissão e comunicação, tais como as bibliotecas, que se utilizam de meios técnicos, linguagens e formas de interação intencionais, ao visarem à relação entre sujeitos e realidade, não são meros suportes de informação. Ao contrário, sua configuração física, seus recursos, formas e práticas transformam seu discurso, sua estrutura e os modos de interação entre os sujeitos que lá atuam em *ordem*. Os *dispositivos*, enfim, não apenas expressam como também *definem*, por meio dos discursos implícitos em sua configuração, modos de relação entre os sujeitos e o universo simbólico (documentos, registros, informações, conhecimento) que guardam.

Face a isso, fica claro, como lembra Chartier<sup>xx</sup>, que a visão idealista, segundo a qual o conhecimento depende exclusivamente do domínio de conteúdos, não se sustenta diante das evidências sobre o papel dos *dispositivos* na significação do conhecimento. E, nesse sentido, apropriar-se do conhecimento é apropriar-se também dos *dispositivos*, com seus saberes e lógicas próprias. Portanto, se, de um lado, o desenvolvimento de competências informacionais são indispensáveis à busca e apropriação das informações, se a educação para a informação é exigência que a *mediatização*, a complexidade crescente dos *dispositivos* informacionais impõe, de outro lado, é igualmente essencial a criação de *dispositivos* a partir de novos referenciais, constituídos com base em critérios que vão além do mero processo de assimilação de informações. Nos quadros contemporâneos, insistir na ordem informacional que caracterizou, por exemplo, bibliotecas do passado, consistiria em mecanismo mais ou menos sutil de expropriação sociocultural. A formulação de novos *dispositivos*, considerada a perspectiva da apropriação de informações, e não apenas assimilação, torna-se essencial à reversão dos atuais quadros de participação sociocultural e terá, necessariamente, que partir de outras bases, nas quais busca e apropriação de informação sejam elementos de um mesmo processo de relações materiais, simbólicas e interacionais, tanto com as informações, quanto com suas *disposições* no ambiente.

### 3. Dispositivo, ordem informacional dialógica e busca: a pesquisa

Todo *dispositivo* informacional é uma configuração complexa, constituída por elementos heterogêneos: ambiente, técnicas e tecnologias, processos e produtos, regras e regulamentos, conteúdos materiais e imateriais. Tais elementos são signos portadores de sentidos, incrustados nos conteúdos guardados pelos dispositivos informacionais, constituindo-se *elementos de sua natureza*.

Face a isso, constituir referências conceituais e metodológicas que fizessem frente à ordem discursiva monológica, responsável por gerar dificuldades, por vezes intransponíveis, aos processos de busca na perspectiva aqui apresentada, e característica do paradigma que rege nossas bibliotecas; e, de outro lado, instituir, nos termos propostos por Bahktin<sup>xxi</sup>, a **dialogia**, como critério organizador da ordem informacional dos *dispositivos*, especialmente – mas não exclusivamente – nos contextos educativos, destinados à construção de sujeitos, de conhecimento e cultura, tornava-se desafio essencial, capaz de atuar de modo importante sobre o histórico quadro de dificuldades e aparente desinteresse de crianças e jovens pela informação e leitura.

A pesquisa em causa é parte de um processo de implantação e desenvolvimento de um dispositivo informacional concebido sob bases conceituais acima mencionadas, a Biblioteca Escolar Interativa Colégio Termomecânica –BECT-<sup>xxii</sup>. Seu intuito foi identificar, descrever e avaliar categorias e respectivos elementos essenciais desta nova ordem, por nós nomeada *dialógica*, nos processos de busca significativa.

#### 3.1 O dispositivo informacional dialógico: categorias e elementos

Se os *dispositivos*, como o próprio nome diz, dispõem, isto é, ordenam, organizam, prescrevem<sup>xxiii</sup>, podemos falar na existência de uma ordem informacional cuja natureza é semiológica, compreendendo-os, nesse sentido, não apenas como mecanismos que disponibilizam a informação, mas como instâncias que *dizem, contam, narram*, produzem significados, uma vez que são, ao mesmo tempo, materialidade e signo, linguagem, discurso. Desta forma, a ordem discursiva dos dispositivos constitui instância de mediação, que atua nas relações entre o sujeito e o universo simbólico, razão pela qual sua configuração deve ser entendida como mecanismo portador de significados que pode tanto atuar de modo definitivo nos processos de apropriação de informações ou apenas como dispositivos voltados à oferta/acesso a informações, contribuindo, implicitamente, para formar receptores –consumidores- culturais.

Face a isso, objetivamos apresentar as categorias constitutivas do *dispositivo informacional dialógico*, sistematizadas a partir da implantação da BECT, tendo em vista indicar o caráter e o significado da *ordem informacional* ali instituída. Tais categorias e elementos aparecerão vinculados aos processos e significados para a *busca significativa*, prática que resulta das relações entre sujeito-dispositivo informacional, capaz de atuar de modo efetivo para a apropriação da memória cultural pelos estudantes.

A configuração inicial do *dispositivo* foi desenvolvida por grupo de pesquisadores da USP<sup>xxiv</sup>, a partir de referências de pesquisa acumuladas diretamente no *terreno*, há várias décadas, pelo coordenador do projeto e suas equipes. Dessa forma, o método de trabalho utilizado para a configuração do dispositivo a que nos referimos e que serviu de base para esta pesquisa foi o da *pesquisa colaborativa*, opção que permitiu reunir pesquisadores e equipe do Colégio onde o trabalho foi realizado. Nesse sentido, a constituição das referências adiante descritas resulta de um jogo dinâmico entre propostas dos especialistas e

necessidades, expectativas e saberes do *terreno*, incluindo equipes docentes e discentes. As categorias e elementos abaixo descritos não são, portanto, dados definidos *a priori* ou *a posteriori*. São, antes, parte de uma dinâmica de interações complexas em que a experiência das equipes definem parâmetros, seja em função de critérios e exigências da produção, seja em função dos usos e das apropriações.

A ordem informacional da BECT será, assim, apresentada nas dimensões que a constituem e que foram ressaltadas tanto no processo de produção da biblioteca como nos relatos de alunos e professores, a saber, espaço, linguagens, recursos (materiais e humanos) e práticas informacionais. Além disso, o aspecto da *formação* será considerado como categoria de análise, já que foi um dos aspectos especialmente tratados na implantação do dispositivo.

### **A)- Espaço informacional**

O espaço informacional dialógico resulta das relações entre diferentes elementos do ambiente. Atuando no processo informacional por meio do jogo entre a percepção, processamento e reelaboração de informações, estimulando o gosto de ficar na biblioteca, a categoria inclui **estética, conforto, setorização e contigüidade informacional, dimensão/formato/localização, livre acesso e multiplicidade de usos do espaço**, aos quais são atribuídos significados que demonstram implicações entre ambiente físico e interesse pela informação e pela *busca*.

Os relatos de alunos e professores revelam que a dimensão, o formato e a localização da BECT em relação às salas de aula na escola, sua beleza e conforto representados na arquitetura em planos, bem como as cores e texturas empregadas nos materiais de revestimento de pisos e paredes e a natureza modular do mobiliário, adequado às diferentes práticas, respeitando a corporalidade e gestualidade de crianças e adolescentes, favorecem a multiplicidade e reinvenção dos usos do dispositivo. Do mesmo modo, a organização do espaço em setores informacionais de acordo com os tipos de materiais e práticas informacionais previstas, porém articulados entre si por meio de elementos da linguagem arquitetônica, estabelecem uma relação dinâmica entre a parte e o todo, o particular e o geral, aspectos que reconhecidamente favorecem os processos de busca e de restituição de significados às informações. Desse modo, elementos da linguagem arquitetônica, como a correspondência/contraste de cores e materiais, a comunicação visual entre os espaços (internos e externos) propiciada por paredes vazadas por grandes vidros, são elos de ligação, de contigüidade, de relação *dentro-fora*, do *mesmo-outro*, que extrapolam a mera materialidade, constituindo-se signos capazes de atuar sobre o interesse dos alunos e professores pela biblioteca. A esse conjunto de elementos, agregam-se, ainda, outras características da configuração dinâmica do ambiente que permitem às crianças e adolescentes circular no espaço, alcançar, manusear e pegar livros, revistas, vídeos, computador e demais objetos, aproximar-se uns dos outros para conversar e discutir idéias e produzir novas informações, com segurança e facilidade. Tais características constituem o livre acesso, em sua dupla dimensão material e simbólica, enfatizado como importante traço distintivo da ordem informacional da BECT.

### **B)- Repertório informacional:**

A categoria repertório informacional refere-se ao acervo<sup>xxv</sup> diversificado em conteúdos, natureza de informações (universal e local), linguagens e suportes, e que tem em vista atender às necessidades informativa, formativa e cultural dos alunos.

Partindo de indicações da coordenação do projeto, avalizadas pela equipe pedagógica da escola, o acervo é constituído por coleção inicial, em torno de 2.500 títulos, entre livros de

ficção e não-ficção, periódicos gerais e especializados, audiovisuais, multimídia, objetos, *web*, memória local (incluindo trabalhos de alunos). O repertório informacional dialógico é um conceito de acervo dinâmico, que implica atualização permanente, por meio da indicação e seleção de novos títulos, processo que conta com a participação dos estudantes, educadores e bibliotecários. Em linhas gerais, os livros de ficção respeitam a reconhecida qualidade literária de clássicos e contemporâneos, premiados e/ou demandados por alunos e professores; quanto aos livros de não-ficção, prevalecem a qualidade e fidedignidade de conteúdos, a partir de recomendação de especialistas e professores, sobretudo. Assim, tanto acervos da memória universal, quanto os de memória local construída pela comunidade escolar, ou sejam, representações de diferentes contextos sócio-históricos, bem como diferentes suportes constituem o repertório do dispositivo dialógico. Obras existentes no mercado, de autores nacionais ou estrangeiros e exemplares de trabalhos elaborados por crianças ou jovens da escola, individualmente ou em grupo, dialogam com informações disponíveis na *web*, sendo a coleção, portanto, um conjunto vivo e dinâmico de informações.

### C)- Linguagem informacional<sup>xxvi</sup>

A categoria **linguagem informacional** merece especial destaque neste trabalho, em razão, sobretudo, de tratar-se de pesquisa ligada à área da Ciência da Informação. Reunindo um conjunto de linguagens e recursos de indexação, armazenamento e recuperação de documentos e informações, a linguagem informacional contempla, na ordem dialógica do dispositivo, elementos referentes à **Linguagem Documentária modular, Produtos Documentários e Linguagens não-documentárias**.

A linguagem informacional é uma configuração resultante da interação entre elementos das linguagens documentárias (sistemas de classificação usados para a representação e ordenação dos documentos no espaço), e ferramentas de recuperação das informações (técnicas e tecnológicas, especialmente elaborados para indicar a existência e localização de documentos e informações), bem como da atuação dos mediadores junto aos alunos. Como as demais categorias do dispositivo dialógico, caracteriza-se por sua flexibilidade e comunicabilidade, por seu caráter modular, extrapolando, nesse sentido, os limites da organização-recuperação da informação. Seu objetivo, fixa-se, assim, no atendimento a necessidades de uso local, a partir de programas definidos pela escola, como necessidades de inserção de crianças e jovens em circuitos extra-escolares que utilizam linguagens documentárias com características universais (como a CDD, por exemplo), ou seja, em saberes indispensáveis à autonomia dos alunos ao acesso às informações em diferentes dispositivos.

Assim, tendo em vista compatibilizar a natureza “fechada” das linguagens documentárias clássicas às propostas de uma ordem informacional dialógica, a constituição da linguagem informacional implicou reconfigurar padrões existentes, introduzindo elementos, aplicando novas sintaxes aos dados da linguagem documentária utilizada, tendo em vista torná-las mais inteligíveis, *comunicáveis* e, ao mesmo tempo, “abertas” a demandas decorrentes de situações educacionais específicas. Desse modo, a construção da linguagem informacional do dispositivo dialógico foi pautada por critério articulando tanto padrões universais da linguagem documentária, quanto “locais”, específicos, sem imposição de uma dimensão sobre a outra, mas, ao contrário, buscando sua complementação, comunicação, diálogo.

A **linguagem documentária modular** constitui-se de: a)- **ordem física dos documentos**, que busca tanto respeitar o princípio da funcionalidade do armazenamento, do ponto de vista do aproveitamento do espaço, da exploração de formas comunicáveis de organização física dos documentos nas estantes, como aproximar os alunos dos objetos informacionais expostos; b)- **sistemas de classificação**, respeitando critérios universais de

ordenação do conhecimento, incorpora formas e linguagens que sejam progressivamente inteligíveis, por meio de códigos passíveis de apropriação por diferentes faixas etárias, no intuito de garantir a comunicabilidade entre alunos e os repertórios ali armazenados.

Os **produtos documentários**, por sua vez, são instrumentos concebidos tendo em vista criar formas de comunicação entre o acervo e o aluno, interagindo a favor da apropriação de processos e procedimentos de localização de documentos e informações, como forma de compensar limites impostos pela organização documentária. Atuam, assim, favorecendo o diálogo entre os sujeitos e a ordem informacional. Esta categoria inclui: a)- **coleções em destaque**: modalidade de acervo móvel, renovável permanentemente, que permite ao aluno perceber de forma concreta, a partir da flexibilização da organização, novas relações entre documentos e assuntos, impossíveis dentro do quadro de organização tradicionalmente estabelecido; b)-  **sinalização**: conjunto de elementos de comunicação visual que funcionam como instrumentos de orientação da comunidade escolar nos processos de localização e recuperação documentária. Composta de objetos e demais recursos instalados em paredes, estantes e prateleiras, indica as formas de representação usadas para codificar os diferentes tipos de recursos, assuntos e gêneros; c)-  **base de dados**: recurso técnico e tecnológico com a finalidade de reunir, organizar, combinar e recuperar informações sobre tipos de suportes, conteúdos, autores, títulos, coleções, assuntos, editoras relativos aos recursos existentes na biblioteca, a *base* está projetada para permitir a gestão de arquivos sonoros e de imagens, com foco tanto nos segmentos com necessidades especiais, como potencializar os recursos e formas de aprendizagem de busca de informação e desenvolvimento de interações comunicacionais sobre as informações ali referenciadas. Nesta perspectiva, os campos para registro de opiniões e sugestões de leituras, solicitação e indicação de títulos para aquisição, reunindo, num mesmo instrumento, a aprendizagem de procedimentos e processos de busca indireta de informação, participação do aluno na definição de repertórios culturais da instituição, incentivam a participação da comunidade escolar na rede de leitores/leitura. Em atendimento à concepção de linguagem de informação modular, sua configuração está projetada para desenvolver interfaces amigáveis de consulta para os alunos; d)-  **painéis de novidades**: sistema de *metadados*, são recursos que funcionam como instrumentos de destaque de informações, alertando alunos e professores sobre o enriquecimento da coleção.

As **linguagens não-documentárias** são mediações interpessoais, a saber, um conjunto de discursos, atitudes e procedimentos desenvolvidos pelos mediadores, com a finalidade de informar e formar os alunos para a apropriação da linguagem e produtos documentários, uma vez que estes, mesmo sendo especialmente construídos a partir de concepções que buscam incorporar elementos de comunicação, tendo em vista tornarem-se inteligíveis, não deixam de ser códigos, cifras, nem sempre imediata e completamente compreensíveis. Nesse sentido, as “linguagens naturais” atuam como linguagens complementares às “artificiais”, modo não apenas eficaz de atualização dos alunos em relação à ordem do *dispositivo* e à recuperação de informação, mas *zona de desenvolvimento proximal*<sup>xxvii</sup> indispensável à apropriação dos processos de construção de conhecimento e cultura realizados pelo dispositivo dialógico. Face a isso, revela-se essencial a formação dos mediadores, adiante apresentada.

#### **D)- As práticas informacionais**

Nesta categoria incluem-se as práticas de gestão, práticas pedagógicas e culturais, práticas culturais em horário livre. As práticas informacionais são objeto de programação no

dispositivo informacional dialógico e têm em vista colocar alunos e professores *em situação* face à complexidade e dos processos de apropriação simbólica. Os elementos da programação incluem conteúdos do projeto pedagógico da escola como um todo e conteúdos relativos às aprendizagens informacionais específicas, necessárias a apropriação do dispositivo. Tais conteúdos contemplam, de um lado, os objetos das diferentes disciplinas e, de outro, aqueles visando saberes sobre o funcionamento e usos da biblioteca e de seus recursos informacionais. Dentre elas, ações visando o reconhecimento do espaço, a compreensão das lógicas da *linguagem informacional*, o reconhecimento da natureza e usos dos documentos, tendo em vista criar competências e interesses dos alunos pelo conhecimento e pela leitura, traduzidos, todavia, em atividades compatíveis com cada uma das séries são alguns exemplos das práticas programadas e realizadas sistematicamente em dias e horários definidos. Assim, se cada elemento do espaço, assim como cada atividade, tem um significado específico, tais significados, entretanto, são construídos por meio da exploração, dos usos, de muita explicação e conversa entre os atores, particularmente alunos e professores. Nesse quadro, cada novo recurso que chega à biblioteca é especialmente apresentado, para que todos conheçam sua finalidade e formas de uso.

### **E)- Os mediadores**

Os **mediadores -infoeducador e professores-** constitui categoria essencial, que atua na relação entre dispositivo informacional dialógico e os alunos. O **infoeducador**, todavia, merece ênfase por tratar-se de novo profissional da informação em Educação. No dispositivo dialógico, ele é o elo nas cadeias biblioteca-sala de aula, alunos-professores, *dispositivos-conhecimento*. Com domínio de competências profissionais e saberes especiais em relação a repertórios da área informacional, em especial sobre as lógicas e linguagens do dispositivo e sua importância no processo de busca e apropriação do conhecimento, também dispõe, evidentemente, de referências e conhecimentos próprios do campo da Educação. Tanto o professor quanto o bibliotecário podem atuar como infoeducadores, desde que tenham o duplo domínio dos campos indispensáveis às mediações informacionais específicas, a saber, a Informação e a Educação. Não somente esses conhecimentos, mas também outros comportamentos e atitudes mostraram-se fundamentais à atuação do **infoeducador** nos processos de apropriação do *dispositivo* e das informações ali expostas, condição ao desenvolvimento das práticas informacionais com os alunos: **afetividade, sensibilidade, flexibilidade, disponibilidade, interesse, organização, domínio dos repertórios, domínio de tecnologias e demais recursos informacionais.**

Do mesmo modo, outros aspectos caracterizam o professor-mediador no dispositivo dialógico. Atitudes de **envolvimento e assiduidade** nas idas programadas à biblioteca, no seu uso como espaço de exposição da produção da sua turma, como recurso permanente para pesquisa e planejamento das aulas, bem como a prática de discussão permanente com a *infoeducadora* de questões que afetam os alunos são elementos essenciais para a implantação de um *dispositivo* de características inovadoras. Sem eles, o projeto correria sérios riscos de não conseguir alcançar os níveis de dialogia que constituem um dispositivo informacional com as características aqui descritas.

### **F)- Formação**

**Cursos básicos, complementares e acompanhamento** constituem a categoria da formação na ordem dialógica. Na formação (forma+ação) os protagonistas (professores, infoeducadores e alunos) exploram, atuam, ou seja, aprendem a configuração do *dispositivo*. Como se trata de uma ordem informacional aberta, a formação vai se deter, sobretudo, em

fornecer “chaves” para que os atores, a partir da visão “de dentro”, possam recriá-la, de acordo com suas necessidades informacionais, sendo, portanto, um modo de trabalhar a ação dos sujeitos. Nesse sentido, as ações específicas, de caráter formativo, envolvendo tanto a apropriação do *dispositivo* como das informações pela comunidade escolar, devem contemplar: a)- **uma formação sistemática concentrada**, em especial por meio de cursos e oficinas; b)- **acompanhamento**, por meio de reuniões regulares com professores, infoeducadores, bibliotecários e coordenadores, voltadas à percepção e desenvolvimento de conhecimentos indispensáveis às relações entre *informação* e *educação* na escola.

Como ferramenta de apropriação do dispositivo dialógico destacam-se os cursos: a)- **pesquisa na biblioteca**, visando ao desenvolvimento da percepção da pesquisa enquanto prática de ordem operacional, intelectual e cultural, a partir de metodologia incluindo práticas concretas de exploração e uso do dispositivo, por meio de situações reais de busca; b)- **práticas culturais na biblioteca**, objetivando o reconhecimento da função cultural da biblioteca, seu papel como local de construção de significados para serem compartilhados. Tem em vista estimular a atuação do professor na dinâmica das relações sociais e o exercício da cidadania, inscrevendo a biblioteca no circuito de informação e cultura.

A natureza dialógica do dispositivo informacional, em causa, foi construída tanto a partir dos elementos materiais que o constituem, quanto das relações que ali acontecem, numa dinâmica permanente entre categorias de ordem sensorial, intelectual, psicológica e cultural. A **dialogia**, assim, revela-se na sua configuração modulável, aberta, flexível, visando atender necessidades dos diferentes grupos que aí transitam e cujo desenho final constitui-se no jogo entre produção (especialistas), mediação (instituição mantenedora, corpo técnico-pedagógico) e usuários (alunos). É, portanto, da negociação permanente entre os diferentes atores dessa tríade que se definiu e se redefine permanentemente seu formato<sup>xxviii</sup>.

### **Conclusão: As apropriações a partir percepções da ordem por alunos e professores**

Alunos e professores afirmam que a *ordem dialógica* permite acolher, amparar, aproximá-los do conhecimento. Os elementos do **espaço informacional** não são meros adereços, simples elementos decorativos, mas, ao contrário, *discursos* que geram um estado de espírito capaz de criar vínculos dos sujeitos com aprendizagens de diferentes ordens.

A natureza e processo de constituição do **repertório informacional** no dispositivo dialógico, mesmo se em breve espaço de tempo, permitiram aos alunos o reconhecimento da diversidade de recursos informacionais, da abrangência de conteúdos, da diversidade de gêneros de informação, da diversidade e qualidade das obras, bem como dos meios eletrônicos como fonte e recurso de busca e produção de conhecimento, todas aprendizagens essenciais aos processos, habilidades, competências e atitudes necessárias à busca, em especial o estímulo para buscar, sem receio de não encontrar a informação desejada. Em consequência, a conjugação entre **quantidade** e **diversidade** de recursos é apontada como importante para a *busca*.

A **linguagem informacional** do dispositivo dialógico, mais do que permitir a localização, permite a alunos de todas as séries, em consonância evidentemente com as condições de desenvolvimento particular a cada grupo, perceber a existência de uma organização dos documentos na biblioteca, percepção de base, fundamental aos processos de busca e apropriação das informações. Da mesma forma, os depoimentos revelam a apropriação das noções ligadas à linguagem informacional, conceito-chave para a autonomia nos dispositivos informacionais, em especial o reconhecimento da linguagem documentária modulável, cujas formas de organização da informação, nascidas de necessidades específicas e localizadas, é avaliada como efetiva para a apropriação de recursos informacionais pelos diferentes grupos, inclusive os da educação infantil, envolvidos em programas pedagógico-

culturais da escola. Além disso, a linguagem informacional permitiu aos alunos e professores reconhecerem a importância da facilidade de acesso para a busca de informação e a importância do conhecimento dos símbolos propostos, que permitem não apenas visualizar conteúdos como também distinguir gêneros. Do mesmo modo, os relatos evidenciam que a linguagem informacional do dispositivo dialógico permitiu o reconhecimento de relações entre conhecimento e representação por meio da apropriação das relações entre código e assunto, entre representação e áreas do conhecimento. Assim também, ocorreu em relação aos instrumentos de recuperação de informação, em especial o reconhecimento dos instrumentos de sinalização do ambiente e recursos informacionais para os processos de *busca* e manutenção da organização dos documentos, permitindo a localização das informações desejadas. Em outros termos, a apropriação da linguagem informacional dialógica, pode-se afirmar, permite que os atores percebam, conheçam e se apropriem das lógicas e linguagens do dispositivo, lançando-se nos discursos cifrados que organizam e disponibilizam as informações registradas.

Todavia, se os depoimentos e observações diretas mostram *performances* surpreendentes aliando o conhecimento e linguagem documentária modular, de outro, mostram também seus limites nos processos de recuperação de informação com os estudantes, evidenciando que o acompanhamento permanente, por meio das mediações interpessoais é forma indispensável de superar as limitações que toda linguagem *artificial* impõe. As dissonâncias inevitáveis entre produção e recuperação só podem ser corrigidas pela relação dialógica entre mediador-instrumento-aluno.

As apropriações manifestas em relação às **práticas pedagógicas e culturais** permitem concluir por sua importância no desenvolvimento do interesse, da formação de competências e na construção de *performances* de busca de informação e construção de conhecimento pelos alunos. O gosto e a vontade que estes demonstram em fazer pesquisa na biblioteca é evidente, indicando que, para eles, pesquisar ali é uma atividade constante e que os repertórios e os modos como estão organizados, não somente os disponibilizam como os estimulam a buscar. Eles não apenas gostam de fazer pesquisa, como consideram melhor pesquisar a permanecer em aula sentados, simplesmente ouvindo ou copiando a matéria. Há uma nítida preferência em participar ativa e dinamicamente do próprio aprendizado, escolhendo, reunindo, transformando as informações disponíveis.

Esta natureza de pesquisa, possível dentro do contexto de uma ordem informacional dialógica e articulada às práticas pedagógicas em sala de aula, produz **interesse** e parece **motivar a autonomia** de aprendizagem. Como indicam, ler, entretanto, não é suficiente. É preciso ter idéias, pensar, refletir, expressar-se. E, neste sentido, os alunos assinalam que poder **comunicar-se** livremente na biblioteca ajuda a resolver problemas, esclarecer dúvidas, indicando a importância do “outro” na construção do conhecimento, aspectos que as categorias do espaço informacional permitem e estimulam. Do mesmo modo, o **acolhimento e proximidade** no tratamento interpessoal contribuem para encorajar e dar liberdade ao aluno para perguntar, solicitar, dialogar, sem sentir-se intimidado a mexer nos materiais mas, ao contrário, satisfazendo sua curiosidade, declarando suas dificuldades diante de algo desconhecido. Neste sentido, o infoeducador é indicado como fundamental, indispensável por estabelecer mediações dialógicas entre as diferentes instâncias que atuam sobre a ordem informacional, destacando-se como elementos diferenciais (se comparados aos atendentes de bibliotecas de uma forma geral) seus modos de apresentar-se, seu linguajar e as formas de atendimento.

Paralelamente à formação de atitudes, o estudo demonstrou o modo como os alunos se apropriam do dispositivo informacional em seu processo de construção de conhecimento. Ao lado da busca sistematizada, eles também desenvolvem modos particulares de busca, sem objetivo explicitado, ou demandada por necessidade ou tarefa. Realizam, com

freqüência, a *busca* livre, na qual como jovens *flanneurs* vão descobrindo as possibilidades do espaço e de seus recursos. Além disso, é possível concluir que a ordem informacional dialógica, ao permitir a apropriação do dispositivo, atuou no desenvolvimento da capacidade crítica dos alunos, condição essencial à seleção da produção existente e ferramenta para a participação no universo cultural contemporâneo. Várias situações assim o demonstraram: ao fazerem comparações entre os mesmos conteúdos em diferentes tipos de linguagens; comparando diferentes versões de uma mesma obra; apresentando capacidade de argumentação e de defesa de opiniões; demonstrando interesse por outros circuitos culturais de informação e leitura; interessando-se em conhecer outros repertórios. Outras constatações, em especial formuladas pelos professores, enfatizam tais resultados ao ressaltarem mudanças significativas nos modos de atuar tanto de estudantes como dos próprios educadores, que se vêem como pesquisadores em busca de informações, de novos conteúdos e práticas para desenvolver com os alunos. Com isso, foi favorecida a criação de programas integrados entre professores, possibilitando a criação de projetos que englobam tematicamente várias séries. Do ponto de vista das atividades pontuais propostas pelos professores, elas precisaram passar a vir, necessariamente, dentro de um contexto, porque os alunos não apenas têm a liberdade de falar, como criticam e comparam as informações que lhes são passadas. Em outros termos, *dialogam*, colocando em crise a *monologia*.

Evidentemente, isto mostra uma conduta ativa e de interesse por informações, muito distinta da posição passiva de ficar à espera da aula e matéria fornecida pelo professor. A nova ordem informacional, constituída a partir do dispositivo dialógico, dá mostras, assim, de uma nova forma de informar, mas, sobretudo, de educar. Nesse sentido, o conceito em evidência nesse estudo é promissor, sendo, portanto, objeto de nossas atuais pesquisas.

## NOTAS

---

<sup>i</sup>O campo referido da *Infoeducação*, de natureza tanto teórica como prática, tem como um de seus objetos o estudo das relações cada vez mais complexas entre Informação e Educação.

<sup>ii</sup>FERREIRA, A. B. H. **Dicionário básico da língua portuguesa**. São Paulo: Nova Fronteira, 1995. p. 109.

<sup>iii</sup>LALANDE, A. **Vocabulário técnico e crítico da filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1996. p.83.

<sup>iv</sup> De acordo com Perrenoud (1999, p.7) o conceito de competência é a “capacidade de agir eficazmente em um determinado tipo de situação, apoiado em conhecimentos, mas sem limitar-se a eles”.

<sup>v</sup>Cf. PIERUCCINI, I. **A ordem informacional dialógica: estudo sobre a busca de informação em Educação**. 2004. 194f. Tese (Doutorado) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo. p. 10-24.

<sup>vi</sup> BURKE, P. **Uma história social do conhecimento: de Gutenberg a Diderot**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003. p.19.

<sup>vii</sup> ARENDT, H. **Entre o passado e o futuro**. 5.ed. São Paulo: Perspectiva, 2001. p.257.

<sup>viii</sup> PIERUCCINI, op.cit., loc.cit

<sup>ix</sup> BRUNER, J. **Atos de significação**. Porto Alegre: Artmed, 1997.

<sup>x</sup> Id., *ibid.*, p.17.

<sup>xi</sup> Id., *ibid.*, p. 15-21.

<sup>xii</sup> Cf. CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. 3.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999 (A era da informação: economia, sociedade e cultura, 1).

<sup>xiii</sup> Cf. LEVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

<sup>xiv</sup> Cf. VIRILIO, P. **Velocidade e política**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

<sup>xv</sup> PERAYA, D. Médiation et médiatisation: les campus virtuel. **Hermès: cognition, communication, politique**, Paris, n.25, p. 153-167, 1999.

<sup>xvi</sup> 16PAQUELIN, D. **Du dispositif accompagné au dispositif accompagnant**. Disponível em: <<http://membres.lycos.fr/autograf/Dispositif3.htm>> Acesso em: 14 jun. 2003.

<sup>xvii</sup> LAMEUL, G. **Questionnement relatif a la notion de dispositif**. Disponível em: <<http://www.educagri.fr/reseaux/cdr/colloq2001/contrib.htm>> Acesso em: 12 jun. 2003.

<sup>xviii</sup> FERREIRA, J. **Le dispositif de communication e information**. Disponível em: <<http://www.tecfa.unige.ch/~ferreira/staf15/ideiageral2f.html>> Acesso em: 15 jun.2003.

---

<sup>xix</sup>Peraya Apud LAMEUL, G. Op. cit.

<sup>xx</sup>Cf. CHARTIER, R. **Os desafios da escrita**. São Paulo : Editora Unesp, 2002.

<sup>xxi</sup>BAHKTIN, em **Marxismo e filosofia da linguagem** considera que, no processo dialógico, os sujeitos do diálogo se alteram em processo (devir). O Diálogo é uma corrente inserida na cadeia infinita de enunciados (atos), um ato levando a outro ato e este a outro, infinitamente. O enunciado afirmado por alguém passa a fazer parte de todos os enunciados, numa cadeia infinita.

<sup>xxii</sup>Trata-se da Biblioteca Escolar Colégio Termomecânica – BECT -, no município de São Bernardo do Campo/SP, com foco nos alunos de 1ª. à 4ª. séries do Ensino Fundamental, porém estendendo seu atendimento a crianças de 4 a 6 anos, da Educação Infantil e 5ªs. e 6ªs. séries, que acompanharam de perto a criação e implantação do dispositivo.

<sup>xxiii</sup>Cf. HOUAISS, Dicionário Houaiss da língua portuguesa, p. 1057 “dispositivo é (aquilo) que prescreve, que ordena (...) dispõe; norma, preceito, artigo”.

<sup>xxiv</sup>A equipe que implantou a biblioteca é formada pelo Prof. Dr. Edmir Perrotti, coordenador da pesquisa e responsável pelo projeto de aprendizagens informacionais, Profa. Dra. Cibele Haddad Taralli, responsável pelo projeto arquitetônico e Profa. Dra. Ivete Pieruccini, responsável pelo projeto do sistema documentário e formação de mediadores para a pesquisa na biblioteca. O projeto de formação contou ainda com a participação da professora Antonia de Souza Verdini, ministrante do curso A Função Cultural da Biblioteca Interativa.

<sup>xxv</sup>Em razão das dimensões espaciais da escola, do número de turmas a serem atendidas na biblioteca e, sobretudo, da natureza da ação informativa e formativa a ser desempenhada, a escola aceitou recomendação do projeto, criando espaços informacionais nas salas de aula, compostos por acervos específicos, referenciais, necessários ao atendimento imediato e permanente do grupo. Também foi recomendada a instalação, mesmo *a posteriori*, da base de dados nas classes, porém não realizada até 2004.

<sup>xxvi</sup>O termo foi usado por nós, no mesmo quadro semântico de *linguagem documentária*, indicando processos de tratamento, organização e recuperação de documentos, mas integrando tal linguagem a outros discursos de natureza distinta, porém complementares e formando um conjunto de outra espécie – a *linguagem informacional*. A linguagem documentária é, assim, um dentre outros elementos de tratamento, organização e recuperação de informações. A informação implica ou não o documento; está além dele.

<sup>xxvii</sup>Cf. VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

p.109-119.

<sup>xxviii</sup>É essencial que fique claro que a qualidade dialógica do espaço informacional não depende de quantidade de recursos financeiros disponíveis e pode ser obtida a partir de outros materiais e recursos, não necessariamente idênticos aos da BECT, tais como aqueles a serem vistos adiante. Portanto, as *leis* ali construídas podem ser desenvolvidas em “contextos” institucionais não- privilegiados economicamente, ainda que, evidentemente, tal fato obrigue a considerar as condições materiais concretas na constituição da ordem dialógica.

## Referências Bibliográficas

ARENDT, H. **Entre o passado e o futuro**. 5.ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.

BAHKTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

BRUNER, J. **Atos de significação**. Porto Alegre : Artmed, 1997.

BURKE, P. **Uma história social do conhecimento: de Gutenberg a Diderot**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. 3.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999 (A era da informação: economia, sociedade e cultura, 1)

CHARTIER, R. **Os desafios da escrita**. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

FERREIRA, A. B. H. **Dicionário básico da língua portuguesa**. São Paulo: Nova Fronteira, 1995.

FERREIRA, J. **Le dispositif de communication e information**. Disponível em:

<<http://www.tecfa.unige.ch/~ferreira/staf15/ideiageral2f.html>> Acesso em: 15 jun.2003.

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro : Objetiva, 2001.

LALANDE, A. **Vocabulário técnico e crítico da filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

- 
- LAMEUL, G. **Questionnement relatif a la notion de dispositif**. Disponível em: <<http://www.educagri.fr/reseaux/cdr/colloq2001/contrib.htm>> Acesso em: 12 jun. 2003.
- LEVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- PAQUELIN, D. **Du dispositif accompagné au dispositif accompagnant**. Disponível em: <<http://membres.lycos.fr/autograf/Dispositif3.htm>> Acesso em: 14 jun. 2003.
- PERAYA, D. Médiation et médiatisation: le campus virtuel. In: *Hermès* 25, Paris:CNRS, 1999. Disponível em: <[http://www.wolton.cnrs.fr/hermes/b\\_25fr\\_sommaire.htm](http://www.wolton.cnrs.fr/hermes/b_25fr_sommaire.htm)> Acesso em: 14 jun. 2003.
- \_\_\_\_\_. Vers les campus virtuels. Principes et fondements techno-sémio-pragmatiques des dispositifs de formations virtuels. In: COLLOQUES DISPOSITIFS & MÉDIATION DES SAVOIRS, Louvain-la Neuve, avril, 1998 Disponível em: <<http://www.comu.ucl.ac.be/reco/grems/agenda/dispositif/resumes/peraya.html>> Acesso em: 12 jun. 2003.
- PERRENOUD, P. **Construir as competências desde a escola**. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- PIERUCCINI, I. **A ordem informacional dialógica: estudo sobre a busca de informação em Educação**. 2004. 194f. Tese (Doutorado) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- VIRILIO, P. **Velocidade e política**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.